

Rituais de matriz kardecista na Mina Nagô paraense: energia, cura e mediunidade¹

Hermes de Sousa Veras

Mestre em Antropologia Social (PPGA/UFPA)²

RESUMO

Esse artigo é resultado de pesquisa de mestrado realizado em um terreiro de Mina Nagô, localizado na Grande Belém, Pará. A partir da interação com o pessoal de santo da casa, observou-se que juntamente a "gira", ritual central de incorporação dos Orixás, Caboclos e Caboclas que sustenta o terreiro, é realizado o rito da "mesa branca", no qual percebe-se forte influência do espiritismo kardecista. O espiritismo no terreiro, e talvez na Mina Nagô em geral, é apreendido a partir de uma ontologia incorporativa, formulando um espiritismo que ainda é espiritismo, mas de outra forma, sendo atravessado pelas religiões dos orixás, voduns, caboclos e encantados. Com essa constatação delineada, será descrito o ritual da "mesa branca", mostrando-se como por meio da categoria "cura espiritual" o ritual se efetua, trazendo diversos efeitos, a depender do agenciamento estabelecido entre fiel, seus objetivos específicos e a entidade espiritual.

Palavras-chave: Ritual; Cura; Mina Nagô.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 3 e 6 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² E-mail para contato: hermesociais@gmail.com/hermesveras@ufpa.br.

E será também que o costume de lidar sempre com o mesmo material entra ano sai ano não vai influenciando na alma da pessoa, contagiando moleza ou dureza? Reparando bem, parece que cada um vai apanhando cara do ofício que desempenha.

José J. Veiga em *A hora dos ruminantes*

Abertura

Na Mina Nagô, espécie de religião encruzilhada de matriz africana que se constituiu como tal nos estados do Pará e Maranhão, os rituais da “gira” orquestrados pelos tambores são fundamentais para a vida das pessoas e a manutenção de seus mundos. A sequência ritual constantemente é invertida pela criatividade/instabilidade inerente às religiões de matriz africana e indígena, algumas vezes, afroindígena, encontrando-se na umbanda e na pajelança “cabocla” um maior gradiente de atuação direta das entidades espirituais na execução dos ritos. A abertura dos rituais varia de casa para casa (Luca 2010). No Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo, onde faço pesquisas desde 2013 (Veras 2015)³, a abertura é realizada a partir de cantos para Exu e Ogum, orixás responsáveis pela abertura dos caminhos: tanto os trilhados no cotidiano dos participantes, quanto as veredas espirituais traçadas no próprio rito.

Como a Mina Nagô é resultante de múltiplas experimentações entre diversas outras religiosidades, tais como o Candomblé, o Tambor de Mina maranhense, a Umbanda, a Pajelança “cabocla”, o Espiritismo kardecista e o Catolicismo popular, para ficar apenas nos mais conhecidos, cada casa apresentará sua combinação específica. No caso do terreiro em questão, além da “gira”, outro rito fundamenta-o: a “mesa branca”.

Edison Diniz, ao apresentar a etnografia de um terreiro em Belém, sintetiza, já no primeiro parágrafo, a riqueza diferencial que se agrega em uma única casa religiosa:

O “Terreiro do Rei Tuculumi” é um dos vários existentes na cidade de Belém, Estado do Pará. Está situado à Rua 3 de Maio, no proletário bairro da Cremação, nos fundos das quatro casas de alvenaria dos familiares de “Mãe Rosa”. Esta é a “Mãe de Santo” desse terreiro. Ela recebe “Rei Tuculumi, encantado que adora São Lázaro”. De acordo

³ Por conta do objetivo e espaço desse texto, muitas informações importantes para a compreensão do ritual em questão estão omissas. Cabe ressaltar que o presente texto é um experimento, no sentido que as considerações traçadas estão ainda em contrastes e testes. Grande parte da bibliografia a respeito das religiões afro-brasileiras no Pará não aparece aqui, portanto, para saber mais a respeito dessa literatura, do vocabulário nativo, e do terreiro em si, peço ao leitor(a) que consulte minha dissertação de mestrado.

com essa informante, seu terreiro “tem três linhas: Mina, Cura e Kardecismo”. Adianta ainda que já foi protestante, mas agora é católica (Diniz 1975: 7).

O presente texto é uma investigação preliminar a respeito da presença kardecista na Mina Nagô. Partindo do caso empírico do Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo, algumas questões serão destacadas. Para tal, farei a descrição desse ritual, comentando algumas das entidades espirituais que nele atuam; destacarei também o aspecto de “cura espiritual” da mesa branca, sendo uns dos principais objetivos do rito. A partir da interação com o pessoal de santo, frequentadores e as entidades, assim como da própria expressividade do ritual, tangenciarei o conceito de “cura espiritual”, e como ele se manifesta na mesa branca.

Antes de adentrar no grosso da descrição ritual, cabe realçar alguns pontos. Quando pensamos na Mina Nagô e na sua constituição cruzada, é importante ter em mente a questão do trânsito religioso, não no sentido de compreensão interna de cada sistema religioso, e sim nas suas relações, apresentando “zonas de tensão e regiões de fusão, definido pela simultaneidade de interações que são desiguais entre si” (Almeida & Montero 2001: 99). Portanto, no trânsito religioso, fenômeno tão comum no Brasil, é “como se houvesse uma retroalimentação que acelerasse tanto a mobilidade de fiéis quanto o trânsito de práticas e crenças, resultando na invenção religiosa e em novos agrupamentos de pessoas” (idem: 100). Esse ‘contínuo’ funciona como plano de fundo das relações entre pessoas e religiosidades, assim como nos serve para conceber inteligibilidade ao que acontece na Mina Nagô e nos seus ritos; embora o estudo se detenha em uma religião específica, não se pretende congelá-la nem a tornar ilha.

Outro ponto que vem ao caso, é que alguns praticantes de religiões afro-brasileiras se autodeclararam como espíritas. Pode-se encontrar tal constatação pelos censos do IBGE, na literatura especializada e em campo: ouvi essa declaração entre filhas de santo do terreiro. Fato que ocorre de igual modo em outros contextos. Por exemplo, quando ouvia uma candomblecista em Santarém/PA, que ao se apresentar, identificou-se como espírita. Isso nos sugere que o espiritismo apresentado nos terreiros é atravessado por forças afro-brasileiras, e que o relacionamento entre espiritismo e as religiões afro-brasileiras estão para além dos processos de *morte branca do feiticeiro negro* (Ortiz 1978). O espiritismo, então, se apresenta a partir de uma ontologia incorporativa, semelhante à tendência agregadora e participativa encontrada nos rituais de matriz africana.

A mesa branca

A “mesa branca” surge no terreiro quando a “gira” acontece em menor frequência. O pessoal de santo da casa conta que no início, a “gira” era realizada toda semana. Atualmente, ocorre em datas específicos para celebrar determinado Orixá ou Caboclo, ou de forma ordinária, totalizando em média, um “tambor” a cada quinze dias.

Dentre os frequentadores do terreiro, a explicação comum é que a “mesa branca” foi inserida por conta do envelhecimento de Pai Álvaro, sacerdote da casa. Este, nos conta que quando os pais de santo envelhecem e suas energias espirituais estão menos intensas, as entidades espirituais se reverterem para a “mesa branca” – sinônimo da “linha kardecista” – para continuarem atuando, e por consequência, o pai ou mãe de santo não ficar inerte. Se a “gira” dura em torno de duas horas, a “mesa branca” acontece na metade do tempo. A diferença não fica apenas aí, pois as entidades que baixam na “gira” são aquelas mais conhecidas do contexto da Mina Nagô, Orixás, Voduns, Caboclos e Caboclas, enquanto na mesa, são personagens da religiosidade kardecista, tanto nacional quanto local. Pela observação dos rituais e de acordo com o que as pessoas falam, na “mesa branca” essas entidades atuam com forças diferentes, mais brandas do que as da “gira”, portanto, o esforço físico – embora exista – que demanda dos participantes é menor.

Apesar da estrutura aparentemente diferente dos dois momentos rituais públicos, a “gira” e a “mesa branca” são semelhantes em alguns aspectos, pois é a partir delas que os participantes podem entrar em contato com as entidades espirituais e pedir conselhos, além de receberem “passes” de cura. De inegável influência espírita kardecista, a “mesa branca” parece fornecer os elementos cosmológicos referentes ao lidar com a morte. É nesse momento que se torna possível a comunicação entre os vivos e os mortos. Esse sistema é sobremaneira espírita, não encontrei nenhuma vez em campo o termo “egum” para designar os mortos entre os participantes, excetuando-se do Sacerdote, que identifica os “egum” como entidades sofredoras que surgem e colam nos médiuns, na imensa maioria das vezes, para atrapalhar. Ao que se parece, nessa Mina Nagô o espiritismo é a matriz criativa para a produção de relacionamento com o mundo dos mortos, assim como as práticas já conhecidas do catolicismo popular.

O rito acontece aos sábados, durando geralmente uma hora (das 15 às 16h). As filhas e os filhos de santo sentam-se em uma grande mesa retangular, onde repousa uma

toalha de mesa alva. Sobre esta, ficam vários papéis com pequenas orações católicas e espíritas impressas, apostilas encadernadas sobre assuntos espíritas, cânticos e reflexões sobre o mundo espiritual e etc. Uma Bíblia Sagrada fica próxima do Sacerdote, que se situa na cabeceira, ficando ao seu lado esquerdo e direito as pessoas mais antigas do terreiro ou que estejam mais propensas ao ritual, definidas pelo zelador de santo em diálogo com as “entidades espirituais”. Ainda sobre a mesa, há diversos blocos de papel e canetas, estes são disponibilizados para que frequentadores possam anotar pedidos ou nomes de pessoas que se encontram em determinada empreitada.

Nesse cenário, parece pairar uma atmosfera sacra, certamente, mas também modorrenta, acentuada pelo calor dos trópicos úmidos. Não é raro alguma mãe e/ou pai trazer seu filho pequeno para se beneficiar das rezas, assim como adquirir proteção. Frequentemente, as crianças antes do rito correm pelos cantos do terreiro. Quando este se inicia, logo caem no sono, acalmando-se. O Sacerdote acalma os pais das crianças mais afoitas, dizendo que quando a reza se iniciar, elas dormirão. Com intuito de manter essa paisagem sagrada e calma, o zelador de santo manda trancar o portão às 15 horas em ponto, tornando a abri-lo apenas ao final do ritual. Assim, a mesa branca se contrasta em diversos aspectos da “gira”: a ausência do tambor e dos cânticos afro, a agitação de uma e a calma de outra; e o trânsito livre de um, durante todo o rito, e o acesso limitado da outra.

O ritual se inicia com a reza do Pai Nosso, a Ave Maria e Prece de Cáritas. O Sacerdote inicialmente encontra-se “sombreado”, diz os nomes dos espíritos que estão presentes, os quais geralmente são: Escrava Anastácia, Camilo Salgado, João Saldanha, Bezerra de Menezes e Severa Romana⁴, para no decorrer da celebração ficar “incorporado”, isto é, “irradiado”⁵, e fazer diversas orações em cada participante, dando uma volta completa pela mesa, não sem passar antes, pelos participantes comuns. Antes disso, algumas reflexões são lidas, distribuídas previamente pelo zelador de orixá entre as pessoas da mesa. Em alguns rituais, fui chamado para compor a mesa, além de

⁴ São personagens do imaginário popular. Bezerra de Menezes foi um importante espírita brasileiro, Escrava Anastácia é uma personagem cultuada em todo o Brasil, Camilo Salgado foi um médico paraense que ganhou status de santidade, recebendo um culto popular até hoje. Para saber mais, cf. Costa (2010). No dia dos finados esse culto é mais presente, nos cemitérios. Severa Romana foi uma mulher que teria sido assassinada em 1900 por ter mantido a sua honra, pelo próprio galanteador, que não aceitara sua recusa.

⁵ Se diz “sombreado” quando a pessoa está influenciada por alguma entidade espiritual. “Incorporado” ou “Irradiado” é quando essa influência atinge quase sua totalidade, momento em que a entidade fala, pensa e age mais do que o médium, ou o cavalo.

solicitado para ler algumas orações e preces⁶. Após essas leituras, as pessoas da mesa continuam com as orações, enquanto o Sacerdote inicia a transmissão dos “passes”. Esse acontece com a energia repassada a partir das orações e os gestos corporais do Sacerdote, já incorporado. Com as palmas das mãos abertas, passa pela cabeça da pessoa energizada.

Entrementes, uma assistente distribui a todos em pequenos copos de plástico a água “energizada”, que esteve esse tempo todo em cima da mesa, adquirindo por *contágio* (Van Genep 2013) a capacidade de mobilizar efeitos positivos no corpo e espírito de quem a ingerir.

O “passe” não demora, contudo, em determinados casos o Sacerdote permanece por mais tempo diante a pessoa afetada, a depender de sua “energia”. Em uma “mesa branca”, por exemplo, uma viúva estremeceu-se na medida em que o Sacerdote se aproximava. Com a expressão facial como se sentisse dor, contraía-se, enquanto o “passe” acontecia. A entidade que estava “irradiando” o zelador de orixá, então, aconselhou que a mulher continuasse seu tratamento espiritual na “mesa branca”, pois o espírito do marido estava “encostado” nela.

Após o “passe” ser distribuído entre a assistência e os participantes da mesa, o Sacerdote tem a sua consciência de volta, encerrando o rito com as orações básicas já citadas. Em síntese, o contato com as “energias” que empreendem a “cura espiritual”, ocorre em diversas camadas: o ambiente, que por si só, se torna carregado por conta da mediunidade dos participantes e de seus problemas espirituais, fazendo assim, com que os espíritos se aproximem do mundo dos vivos; o *contágio* ocorre também na água ingerida e nos “passes”.

Considerações finais

A “mesa branca”, e assim, o espiritismo, no contexto descrito, se afloram no processo de envelhecimento do zelador de orixá, revertendo as forças intensas de Orixás, Voduns e Caboclos em “entidades espirituais” mais brandas de mártires, doutores e curadores no geral. Nessa reversão, apesar de encontrarmos diversos contrastes, tais como intenso/brando, tambor/silêncio, catolicismo/religiões afro, estes não devem ser pensados

⁶ Uma Oração de São Francisco e outra de Frei Daniel de Samarate.

como oposições radicais, pois, devemos lembrar, essas características colorem o mesmo terreiro. “Gira” e “mesa branca” apresentam lados diferentes de uma mesma matriz criativa de rituais e efeitos. Ambos os rituais são para a construção da pessoa de santo, o fortalecimento dela com suas entidades espirituais, o tratamento espiritual e corporal dos médiuns e da assistência, e por fim, o firmamento das ações dos mortos e de divindades em nosso mundo.

A “cura espiritual” empreendida pela “mesa branca” é a partir da relação espírito/corpo, no sentido em que ao inserir o sujeito em um novo contexto ordenado de significações e relações, transplanta o “doente” (e aqui, a palavra deve ser compreendida em amplo e generoso significado, pois parte-se do pressuposto que todos estamos doentes, precisando regular nossas “energias”) “em um novo contexto de experiência” (Rabelo 1994: 49). No caso citado da viúva, esta recebeu informações a respeito da atuação do falecido em sua vida cotidiana, adquirindo nos “passes” instrumentos para agir nessa nova situação. Em suma, um como mover-se em um mundo eivado de entidades e ações.

Se a “reversão” para a “mesa branca” acontece para evitar que o pai de santo fique inerte, estamos operando com o agenciamento do zelador de santo, suas entidades espirituais e da energia produzida nessa relação. É curioso que um ritual de relacionamento direto com os mortos, a “mesa branca”, aconteça no terreiro justamente quando se pensa no ‘findar’ das ações humanas do pai ou mãe de santo.

É em um ritual para e com os mortos que se pensa na vida.

Outro ponto que merece destaque é que a “mesa branca” parece ser um dispositivo de regulação dos sacerdotes na Mina Nagô, pois como se sabe, no Candomblé, com o passar do tempo o comum é que o iniciado deixe de ser “cavalo” ao atingir uma idade avançada. Esse recurso não existe na Mina Nagô. A tendência é que a mãe ou o pai de santo morra na “gira”, às vezes, literalmente.

Então, nesse caso estudado, a “mesa branca” ao remanejar parte da força ritual da “gira” e do Sacerdote para um empreendimento mais brando, porém ainda atuante, ajusta as forças necessárias para que o Sacerdote, o seu terreiro e seus agregados de participantes, filhas e filhos de santo e entidades, ajam no mundo, mobilizando forças e empreendendo curas.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. 2001. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva* 15(3): 92-101.
- ALVES, Paulo Cesar; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) 1994. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 174p.
- COSTA, Éden Moraes da. 2010. De médico a santo popular: a devoção ao doutor Camilo Salgado em Belém do Pará. *Estudos Amazônicos* 5(2): 47-73.
- DINIZ, Edison Soares. 1975. Um terreiro de Umbanda em Belém do Pará. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 17:7-15.
- LUCA, Taíssa Tavernard de. 2010. “*Tem branco na guma*”: a nobreza europeia montou corte na encantaria mineira. Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém.
- ORTIZ, Fernando. 1978. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis: Vozes. 205p.
- RABELO, Miriam Cristina M. Religião, ritual e cura, in *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Editado por P. C. Alves e M. C. de Souza Minayo, pp. 47-56. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 174p.
- VAN GENNEP, Arnold. 2013. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes. 168p.
- VERAS, Hermes de Sousa. 2015. *O sacerdote e o aprendiz: etnografia, experiência e ritual em um Terreiro de Mina Nagô na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

ANEXO

Oração de São Francisco de Assis

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, Fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois, é dando que se recebe,

É perdoando que se é perdoado,

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Credo de Frei Daniel de Samarate

Eu sou filho de Deus.

Deus habita em mim.

Posso ser o que desejo,

Porque Deus é meu auxílio.

Nunca me canso,

Porque Deus é minha força.

Nunca estou doente,

Porque Deus é minha saúde.

Nunca me falta cousa alguma

Porque Deus é meu suprimento,

Pois eu sou filho de Deus,

Estou unido à Divina Presença de meu Pai.

Eu sou feliz em tudo que empreendo,

Pois meu saber e meus conhecimentos

Aumentam cada vez mais em mim,

Amém.

Prece de Cáritas

Deus nosso Pai,
Que sois todo poder e bondade,
Dai forças àqueles que passam pela provação,
Dai luz àqueles que procuram a verdade,
E ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.
Deus, dai ao viajante a estrela Guia,
Ao aflito a consolação,
Ao doente, o repouso.
Pai, dai ao culpado o arrependimento,
Ao espírito, a verdade,
À criança, o guia,
Ao órfão, o pai.
Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criaste.
Piedade, Senhor, para aqueles que não Vos conhecem, e
Esperança para aqueles que sofrem.
Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores,
Derramarem por toda à parte a paz, a esperança e a fé.
Deus, um raio, uma faísca do Vosso divino amor pode abrasar a Terra,
Deixai-nos beber na fonte dessa bondade fecunda e infinita, e
Todas as lágrimas secarão,
Todas as dores acalmar-se-ão.
Um só coração, um só pensamento subirá até Vós,
Como um grito de reconhecimento e de amor.
Como Moisés sobre a montanha,
Nós Vos esperamos com os braços abertos.
Oh! Bondade, Oh! Poder, Oh! Beleza, Oh! Perfeição,
Queremos de alguma sorte merecer Vossa misericórdia.
Deus,
Dai-nos a força no progresso de subir até Vós,
Dai-nos a caridade pura,
Dai-nos a fé e a razão,
Dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas
O espelho onde refletirá um dia a Vossa Santíssima imagem.